

# UM OLHAR SOBRE O BRASIL HOJE: GÊNERO E RAÇA NA PRODUÇÃO DE ESCRITORAS BRASILEIRAS

Cláudia Maria Ceneviva Nigro<sup>1</sup>

Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caças seguiram glorificando os caçadores.  
Provérbio Africano

## RESUMO

O (re)pensar o Brasil, por meio da representação que faz da vida mais prosaica como processo de transformação, encontra-se incorporado na linguagem literária. Em vista dessa natureza particular, a literatura permite (re)pensar construtos de gênero e “raça”. Desse modo, pode-se dizer que a *ars poética* dos estudos de gênero e dos estudos subalternos pode funcionar como uma militância artística, veemente e mordaz contra os modelos impostos pela cultura vigente. Trata-se de uma literatura sem remorsos que, abraçando estratégias políticas que promovem a autodefinição e a total expressão, modifica valores e leis, tornando as instituições e as relações opressivas. Esse artigo tratará de problematizar a pluralidade de significados que produções de mulheres trazem hoje para a literatura.

**Palavras-chave:** Literatura subalterna, Literatura Afro-Brasileira, Gênero.

## O Brasil dentro e fora da literatura

A obra literária é uma produção que oferece ao leitor um espaço para destacar inclusive visibilidades dos sujeitos. Quando é carregada de representações torna-se um ambiente ainda maior para os sujeitos desterrados em círculos sociais e políticos. As poesias e narrativas imbricam-se em manifestações encobertas em versos, de preceitos absorvidos e perceptíveis em composições sociais e construções identitárias.

---

<sup>1</sup> Letras/Tradutor, UNESP/IBILCE, cmcn@ibilce.unesp.br

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Itália e Brasile in dialogo* – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

A literatura, no entanto, para ser publicada, lida e premiada, segue ainda partilhando de interesses políticos a fim de manter ou não a cultura dominante. Não vamos falar dessa literatura publicada em grandes editoras e distribuída nas grandes livrarias nacionais. Propomos nos ocupar daquela literatura medrada quando enunciada e lida como subalterna, estudada a partir de teorias/críticas sobre afirmações sociais e culturais categóricas pouco questionadas até o final do século XX.

Os estudos subalternos, a título de exemplo, surgidos na Índia na década de 1970, foram conhecidos no Brasil só a partir da década de 1980, com textos de Gayatri Spivak (1988). Atualmente os textos do grupo latino são os mais lidos em terras tupiniquins. Desde os estudos subalternos latino-americanos, pode-se considerar a literatura não canônica, produzida no Brasil, como subalterna. Subalterna para nós, portanto, é aquela literatura reprodutora da hegemonia e, ao mesmo tempo, libertadora e questionadora de padrões impostos, invertendo a concepção inferior do adjetivo mencionado. Um desafio usado desde Derrida (1991), quando pela iterabilidade do vocábulo remonta, reverte e empodera o significado conhecido. Mencionamos a literatura empreendida no Brasil, pois aqui vemos a todo o momento um realinhamento do importado das colonizações de fato e de ideias (Portugal, França, Estados Unidos, etc.). Só aqui temos, como exemplo, uma teologia da libertação propagada em português e espanhol (Pedro Casaldáliga), atingindo a América Latina, como uma teoria de amor e afronta à igreja católica tradicional: a paz e o rechaço andam juntos. Têm-se aqui muitos outros esquemas similares, mas agora vamos às narrativas subalternas.

As narrativas dos subalternos estão mais aparentes agora, pois a História, escrita sob a perspectiva dos vencedores, não permitiu o conhecimento da História dos subalternos. No entanto, essa permaneceu na memória coletiva e, a qualquer espaço forjado, floresceu. Nessa História/história desconstruíram-se as narrativas fundadoras.

Entendemos que uma das vias para o trabalho de desmonte e desestruturação de culturas estabelecidas (racismo, heteronormatividade de gênero, etc.) é a percepção da humanidade e dos sentimentos do outro, ou seja, da dimensão da alteridade. Grosfoguel defende essa percepção.

Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal Verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corpo-político das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia. (GROSFOGUEL, 2008, p. 119)

Talvez seja por isso que muitos ocupem lugares de exclusão. Nesses espaços, grupos ignorados, fronteiriços, tornam-se questão. Andar sobre tais espaços na literatura, cujo um dos possíveis argumentos sustenta-se no gênero e/ou raça, ocorre somente quando trazemos produções literárias “pouco exibidas” na mídia editorial, sejam elas por serem consideradas literatura afro-brasileira, literatura para crianças e jovens, literatura indígena, etc.. Na contemporaneidade, com a ajuda da internet e da academia, surgem no uso com que o outro faz de palavras, onde o reconhecimento então é tecido. Utilizando-se do discurso de outrem como meio para apropriar o lugar, as escritoras fazem esculpir no corpo das personagens, nas narrativas e nos poemas, a construção de uma identidade culturalmente configurada. Ao agregar preceitos e crenças a uma sociedade multifacetada de comunidades, promovem equidades sem se importarem como políticas panfletárias. Onde? No Brasil invisibilizado ou exposto cruelmente no mundo; no Brasil onde temos fortemente um mito de democracia e um acolhimento ao outro.

Na literatura representativa do Brasil pode-se perceber o lugar onde discussões, sobre dados culturais e sociais fundantes, são esclarecedoras. Como a terceira maior democracia do mundo, com 26 estados (Capital Brasília), com a língua nacional da ex-colônia (Português) e uma população de aproximadamente 190 milhões (maioria negra e feminina - mais de 50%), o Brasil está longe de ser o que propaga. A população vive uma “democracia elitista”, sem a participação do povo, com um sistema partidário corrupto e um Estado cheio de paradoxos.

A cultura riquíssima, no entanto, consiste em arena de consentimento e resistência, fruto de uma sociedade multiétnica - Chineses, Indianos, Portugueses, Holandeses, Franceses, Espanhóis, Libaneses, Italianos, Japoneses, Alemães, Húngaros, Africanos de várias nações e atualmente Haitianos, Coreanos, Bolivianos, entre outros – apagada e dissolvida em miscigenações.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo* – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

A religião com maior número de adeptos é a católica e a sociedade é estabelecida na estrutura familiar. Há um grande enredo de casamento definidor de sujeitos: faz-se premente o homem (marido e pai) e a mulher (esposa e mãe), excluindo outras manifestações de gênero. O nosso país é um dos primeiros da lista em assassinato de transexuais, por exemplo.

Dizem que os brasileiros são os mais solidários e afetuosos. Mas... E se fizermos perguntas? Quem ganha mais? Quem ocupa os melhores postos de trabalho? Quem frequenta a universidade pública e gratuita? A quem é permitido o livre trânsito nas ruas à noite? Quem paga impostos? Quem tem direito à previdência? Políticos aposentados com oito anos de mandato? São tantas as perguntas.... Se forem consideradas, teremos ainda como possível resposta um Brasil sexista, homofóbico, racista, corrupto e elitista.

Nesse país com projeto elitizante a população negra (incluindo os pardos) tem salário bem inferior aos brancos (IBGE, 23/02/2017); são mais afetados por desigualdades e violências (ONU, 22/03/2017). Há também grande desigualdade de gênero, comprovada até mesmo em prêmios da ONU como o WEPs Brasil 2016<sup>2</sup>, onde uma empresa fica com o segundo lugar em políticas de igualdade de gênero tendo 17% de mulheres em postos de trabalho (perceba que o prêmio não considera outras manifestações de gênero além do masculino e do feminino). A “exclusão” pode ser vista ainda mais em alguns espaços, como prisões, favelas, entre outros, onde as estatísticas comprovam a desigualdade de oportunidades.

É interessante mencionar nesse país “miscigenado” que as identidades são frutos de hibridações e combinações ainda compreendidas somente por parte da sociedade. Como já dito, a raça é uma das identidades contestadas. Não é de se estranhar. O conceito é moderno, elaborado com a finalidade de separar pessoas, já que não havia mais argumentos, no mundo cientificista, para segregar por religião, condição social, gênero. Concebe-se, então, o fator excludente, marcado na cor da pele, em traços orientais como olhos puxados, etc., já que pelos genes não se pode fazer tal distinção. O mesmo vale para os gêneros não hegemônicos. O binarismo do XX e do XY não é comprovado pela ciência. O XXY existe.

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?=&qtdJcHueRqQ>

Para que, então, o fator excludente? Para justificar as desigualdades sociais como naturais e necessárias? A negação da raça e do gênero pode ser um projeto bem realizado para manter as oportunidades para os hegemônicos?

Apesar de tantas adversidades nessa terra com palmeiras, há discussões sobre a representatividade subalterna nas artes, em mídia alternativa e, especialmente, na literatura brasileira. No início, como bandeira da construção da nação livre e acolhedora, mas atualmente colocando em rediscussão o conceito de nação. Houve e há ainda divergências quanto aos critérios para se determinar a literatura brasileira. O que era de fato produto daqui? O que escritores portugueses aportados em território nacional sabiam da cultura local? Como os imigrantes poderiam ser incluídos na corte hegemônica? As primeiras produções excluía as mulheres, os homossexuais, os negros e os indígenas como escritores, mas os traziam nos textos como sujeitos representados e interpretados a partir dos estereótipos do homem branco. As produções faziam-se cheias de imagens estereotipadas, como processo de invisibilidade e desumanização dessa fatia da sociedade. A representação desses humanos invisíveis dava-se em papéis instituídos: amantes, mães, empregadas, escravos e escravas...

Já na produção literária contemporânea podemos encontrar ainda essas múltiplas vozes sobre a violência impetrada aos brasileiros. No entanto, há mudanças. As personagens caladas, culpabilizadas e ridicularizadas após serem violentadas ainda existem? Escritoras infanto-juvenis trazem estupros como abraços?

Eu me lembro também do barulho de uma chuvarada caindo. E foi com essa chuva chovendo lá fora que a voz dele falou assim, eu te prometo, Clarice, eu te prometo que, desta vez, você não vai morrer no meu abraço. E me abraçou mais forte que das outras vezes e entrou mais forte dentro de mim. (BOJUNGA, 2005, p. 31).

As mulheres poetisas poderiam trabalhar com temas tabus de maneira “desviante” dentro do enredo do casamento? Poderiam ser algo além de recatadas e do lar? Observemos como duas escritoras afro-brasileiras deslocam a “podridão” para a força construída a sangue e leite. A mulher não mais se esvai em vergonhas, flui em orgulho e vitalidade.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Itália e Brasile in dialogo* – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

### **Eu-mulher**

Uma gota de leite/ me escorre entre os seios. / Uma mancha de sangue / me enfeita entre as pernas. / Meia palavra mordida/ me foge da boca. / Vagos desejos insinuam esperanças. / Eu-mulher em rios vermelhos / inauguro a vida. / Em baixa voz / violento os tímpanos do mundo. / Antevejo. / Antecipo. / Antes-vivo. / Antes – agora – o que há de vir. / Eu fêmea-matriz. / Eu força-motriz. / Eu-mulher / abrigo da semente / moto-contínuo / do mundo. (EVARISTO, 2008, p.34)

### **Aviso da Lua que Menstrua**

Moço, cuidado com ela!/Há que se ter cautela com esta gente que menstrua.../Imagine uma cachoeira às avessas:/cada ato que faz, o corpo confessa./Cuidado, moço/às vezes parece erva, parece hera/cuidado com essa gente que gera/essa gente que se metamorfoseia/metade legível, metade sereia/Barriga cresce, explode humanidades/e ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar/mas é outro lugar, aí é que está:/cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita...//Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente/que vai cair no mesmo planeta panela.//Cuidado com cada letra que manda pra ela!/Tá acostumada a viver por dentro,/transforma fato em elemento/a tudo refoga, ferve, frita ainda sangra tudo no próximo mês.// Cuidado moço, quando cê pensa que escapou/é que chegou a sua vez!/Porque sou muito sua amiga/é que tô falando na "vera"/conheço cada uma, além de ser uma delas.//Você que saiu da fresta dela/delicada força quando voltar a ela.//Não vá sem ser convidado ou sem os devidos cortejos...// Às vezes pela ponte de um beijo/já se alcança a "cidade secreta"/a Atlântida perdida.//Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela. //Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas/cai na condição de ser displicente/diante da própria serpente.//Ela é uma cobra de avental.// Não despreze a meditação doméstica.//É da poeira do cotidiano/que a mulher extrai filosofia/cozinhando, costurando/e você chega com a mão no bolso/julgando a arte do almoço: Eca!...//Você que não sabe onde está sua cueca?//Ah, meu cão desejado/tão preocupado em rosnar, ladrar e latir/então esquece de morder devagar/esquece de saber curtir, dividir.//E aí quando quer agredir chama de vaca e galinha.// São duas dignas vizinhas do mundo daqui!//O que você tem pra falar de vaca?//O que você tem eu vou dizer e não se queixe:/VACA é sua mãe. De leite. //Vaca e galinha.../ora, não ofende. Enaltece, elogia:/comparando rainha com rainha/óvulo, ovo e leite/pensando que está agredindo/que tá falando palavrão imundo. // Tá, não, homem. //Tá citando o princípio do mundo! (LUCINDA)

O que dizer de poetas negras dissolvendo o conhecido? Tornando líquidas as certezas e arguindo sobre identidades estabelecidas? O que dizer dessas mulheres que trazem o sangue “impuro e sujo” como embelezador e fortalecedor? Como analisar o

sangue diretamente ligado à luz e à vida? Como iterar vocabulários ofensivos (Vaca, Galinha, etc.) e torná-los sinônimos de possibilidades e poder?

A produção subalterna preenche lacunas criadas das narrativas históricas da literatura, criando uma arena pública para que esses sujeitos se posicionem. Paula (2015, p. 76 e 77), em tese de doutorado, traz uma poesia de Geni Guimarães perfeita para revisitar o passado e para perceber a aculturação (para sobrevivência) das mulheres negras no Brasil. Guimarães, por sua vez, carregam de mulheres os versos: daquela tradicional remanescente do período escravocrata e da outra questionadora. Essa que homenageia aquela, ao mesmo tempo em que desnuda as mazelas nacionais impositivas da cultura pretensamente acolhedora de todos e todas.

Minha Mãe / Gosto da inocência dela: / Benze crianças, / Faz simpatias, /  
Reza sorrindo, / Chora rezando. // Gosto da inocência dela: / Apanha  
rosas, / Poda os espinhos, / Coloca nas mãos, / De meninos branquinhos. //  
Gosto da inocência dela: / Conta histórias longas, / De negros perdidos, /  
Nas matas cerradas, / Dos chãos do país. // Ama a todo o mundo, / Diz  
que a ida à lua, / É conto de fada. // Gosto da inocência dela: / Crê na  
independência, / E é tanta a inocência, / Que até hoje ela pensa, / Que  
acabou a escravidão. /... Inocência dela...

Geni Guimarães

Ao dizer da inocência em entender o Brasil escravocrata, onde negros tem papéis definidos ou são eliminados, a poeta traz reproduzida na figura da mãe a benzedeira, a facilitadora do percurso do branco (rezando e retirando espinhos); a contadora de histórias (fazendo da História do negro um passatempo interessante aos brancos, como nos circos de horrores europeus); a ignorante (decepada do direito da informação – sem leitura e sem escola). No entanto, a mãe está aí porque a filha hoje sabe – tem acesso e espaço para expor a História acobertada.

Essas escritoras brasileiras posicionam-se e ocupam moradias antes inexistentes, distendem espaços e rasgam papéis consagrados para existirem e desinvizibilizarem. Butler, em *Prearious Life* (2004), afirma que a invisibilidade de alguns é um assunto polêmico, ao qual voltará a falar em *Frames of War* (2009). Essa invisibilidade traduz-se no conceito de Abjeto, sobre o qual Butler fala em *Bodies that Matter* (1993).

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo* – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

Temas tabus, quase sempre relacionados à ausência dos direitos sobre o corpo, sobre sujeitos abjetos, aparecem com força na literatura brasileira. O uso de silenciamentos irrompe nos casos de estupros, por exemplo. Constituindo-se como construto social sexista, manifesta-se realizado com a finalidade de controlar inseguranças e impotências de “homens e mulheres”. Como já disse uma vez, a violência do corpo tomado sem consentimento sangra incapacidades, impulsos e sonhos e, na ausência do empoderamento pelo discurso, sujeitos são e estão estuprados. Vejamos como a escritora Lygia Bojunga trabalha o tema em dois dos seus romances: *O Abraço* (2010) e *Retratos de Carolina* (2008).

Então não é criminoso quem arromba uma casa pra se apossar do que tem dentro? [...] Mil vezes pior é o criminoso que arromba o meu corpo. Meu, meu! a coisa mais minha que existe; a minha morada verdadeira, do primeiro ao último dia da minha vida, o meu território, o meu santuário, o meu imaginário, o meu pão-de-cada-dia, e ele vai e arromba! Nem disfarça, nem se insinua: entra na marra. Só porque tem mais força. Não, não, desculpa, eu me expressei mal: força é inteligência, força é imaginação, força é saber trincar dente quando a dor é grande, ele entra na marra porque tem mais músculo, e por isso, só por isso ele me arromba, ele me rasga, ele me humilha [...] e ainda arrisca na saída de me deixar um filho que eu vou ter que arrancar, uma aids que eu nunca mais vou curar (BOJUNGA, 2010, p. 44).

– [...] e aí ele foi tirando a minha roupa, e me abraçando, eu vi que ele estava superbebido e disse que não, tô cansada, eu quero dormir, me deixa em paz, ele disse que não, eu disse me deixa! e quando eu quis fugir dele, ele me pegou à força e aí a gente se engalfinhou pra valer, eu esperneava, eu dava pontapé, eu unhava, eu mordida, mas ele é grande, não é, pai? mesmo assim, com aquela porrada de uísque dentro dele, ele é forte, abriu minhas pernas na marra, e quando eu disse que ele estava me estuprando, ele achou até graça: perguntou se eu tinha esquecido que eu era casada com ele. (BOJUNGA, 2008, p. 124-125). Retratos de Carolina

A violência, impetrada em mulheres crianças e adultas, envolve questões múltiplas na escrita de Bojunga. O que fazem com as meninas no Brasil? Meninas virgens são violadas na própria casa? Meninas são prostitutas, pois foram jogadas para fora dos lares? Ninguém as acolhe? Mulheres sofrem abusos, incluindo pais, irmãos, tios e maridos? Essas perguntas surgem com nitidez na escrita contemporânea. No entanto, as mulheres escritoras propagadoras desses temas são nomeadas marginais. Jéssica Balbino, por exemplo, fez um

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Itália e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

mapeamento<sup>3</sup> das escritoras brasileiras, contendo os seguintes dados: Estado, Nome da Escritora; Etnia, Idade, Profissão e Publicações. Embora tenha colocado o rótulo de literatura marginal<sup>4</sup>, o trabalho é sério e rico em detalhes. Inúmeras brasileiras encontram-se lá nomeadas e existindo em poemas, contos e romances.

Como Balbino, há muitas escritoras comprometidas em participar desse movimento de acessibilidade das mulheres escritoras. Como exemplo podemos citar a iniciativa da escritora premiada com o Jaboti Valéria Rezende, fundando o grupo Mulherio das Letras.

Nesse país riquíssimo em produções não disponibilizadas pelas editoras com grande distribuição, a produção literária constitui-se “ameaça” ao instituído, tocante, com temas “impeditivos”, como a homossexualidade feminina. Vejam as obras de Eliane Brum (*Uma duas*), publicada pela editora Leya; Cintia Moscovich (*Doas iguais*), publicada pela Record; e Cassandra Rios (*As traças*), publicada pela Brasiliense. O fato curioso é que às vezes aparecem nas livrarias, por ocasião de paradas gays, congressos de gênero...

Por mencionar distribuição, constatemos o ocorrido a Conceição Evaristo. Nome registrado mundialmente como uma das mais iminentes palestrantes sobre literaturas brasileiras, escritora nomeada “Guimarães Rosa de Saias” e responsável pelo blog Nossa Escrivência<sup>5</sup>, onde afirma ser a escrevivência uma língua entranhada no desejo do corpo reivindicatório, não se encontram seus livros nas prateleiras das grandes livrarias. Ao requisitá-los, conseguimos a informação que podemos solicitar pela internet. Onde estão os livros físicos? Porque temos Clarices e não Conceições e Carolinas?

Para a escritora, que carregou muitos exemplares quando proferia palestras, a literatura acerta problemas sociais, culturais e econômicos. Como a narradora de um conto em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, do ouvir surge histórias...

“... Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu rosto, deixo o choro viver”. (EVARISTO, 2011, p.3)

---

<sup>3</sup> <https://margens.com.br/>

<sup>4</sup> Para pensar as margens temos que considerar o centro. A meu ver a literatura contemporânea discute esses binarismos e penetra em outras margens.

<sup>5</sup> <https://nossaescrivencia.blogspot.com.br/search/label/escrivencia>

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Itália e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

O conto poesia, assim posta em silêncios, emoções, palavras sobrepostas e recompostas, faz-se fonte de vivências políticas. As “ambiguidades” presentes no texto realizam-se em percepções de realidades e os índices linguísticos expostos veiculam reivindicações por meio de uma “poesia” discursiva com enfoque em “personagens” como possibilidade de nomear distintas configurações. Entre feminilidades e masculinidades, as práticas poéticas transmutam-se em desejos. Conforme b. Hooks (1998), quando diz do desafio de enfrentamento do sexismo na vida negra, o peso da tradição pode causar também um compromisso imposto na virilidade e na violência dos versos. Ao problematizar na contemporaneidade, pela forma que tem asas e não se assenta, o peso social refletido em práticas de obras reveladoras, Conceição gera impulsos factuais do Brasil não visto. Conforme ela mesma afirma:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação.[...] Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p. 54).

A declaração acima importa a todas as mulheres escritoras, cisgêneras ou transgêneras. No Brasil, encoberto com cordialidades e oportunidades, são elas as responsáveis por “semantizar o outro movimento”, alterar significados cristalizados e proporcionar a nós leitores e leitoras a oportunidade de repensar a nossa cultura e sociedade.

## Referências

BOJUNGA, L. *O abraço*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

\_\_\_\_\_. *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Itália e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

BUTLER, J. *Bodies that Matter: on the Discursive Limits of Sex*. New York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *Frames of War: When is Life Grievable?* London: Verso, 2009.

\_\_\_\_\_. *Precarious life: the Powers of Mourning and Violence*. London: Verso, 2004.

DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Nandyala, 2011.

\_\_\_\_\_. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

\_\_\_\_\_. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, mar, 2008. Disponível em: <http://goo.gl/8G8F0I>. Acesso em: 05 março 2012.

HOOKS, b. *Killing rage: ending racism*. New York: Henry Holt and Company, 1995.

LUCINDA, E. Aviso da lua que menstrua. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/5744/aviso-da-lua-que-menstrua>. Acesso em 04 de setembro de 2017.

PAULA, C. da S. “Negra sem reticências”: corpo e corporeidade na poesia de escritoras afro-brasileiras. São José do Rio Preto, 2015. Tese de doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

SPIVAK, G. "Can the Subaltern Speak?" In: \_\_\_ NELSON, C. e GROSSBERG, L. (eds.) *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.

## **A LOOK AT BRAZIL TODAY: GENDER AND RACE IN THE PRODUCTION OF BRAZILIAN WOMEN WRITERS**

### **ABSTRACT**

*Revista de Letras Norte@mentos*

Dossiê: “*Incroci: Italia e Brasile in dialogo – Cruzamentos: Itália e Brasil em diálogo*”,

Sinop, v. 11, n. 25, p. 62-73, junho, 2018.

(Re) thinking Brazil, through representation that makes life more prosaic - as a process of transformation - is embedded in literary language. In view of this particular nature, literature allows (re) thinking constructs of gender and "race". In this way, it can be said that poetics of gender studies and subaltern studies can function as an artistic militancy, vehement and biting against the models imposed by current culture. It is a literature without remorse which - embracing political stratagems that promote self-definition and total expression - modifies values and laws, making institutions and relationships oppressive. This article will try to problematize the plurality of meanings that productions of Afro-Brazilian women bring to literature today.

**Keywords:** Subaltern literature. Afro-Brazilian Literature. Genre.

Recebido em 13/03/2018  
Aprovado em 01/06/2018